

## *Mateus – Marcos: duas histórias de Jesus*



*Craig L. Blomberg, Ph.D.*

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies  
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

### I. Introdução de Mateus e Marcos

Para esta e a próxima unidade, vamos fazer uma apresentação de cada um dos quatro evangelhos. Em primeiro lugar analisaremos Marcos, que se acredita ter sido escrito primeiro; e, em seguida, Mateus. Queremos buscar entender os evangelhos como eles foram originalmente escritos, com diferentes autores e evangelistas, dirigindo-se a comunidades cristãs específicas tendo distintos propósitos na mente e diferentes circunstâncias que motivaram esses propósitos. Vamos iniciar com o evangelho de Marcos.

### II. Evangelho de Marcos

#### A. Apresentação de Jesus

Se desejarmos perguntar sobre temas distintos ou teologia, o lugar mais natural para começar é pela forma como cada autor do evangelho apresenta Jesus. Obviamente, eles têm muito em comum, mas as diferenças são igualmente importantes. Marcos é o evangelista que, como alguns comentaristas alegam, tem o melhor equilíbrio em sua apresentação acerca do aspecto divino e a humano de Cristo. Na verdade, seu evangelho pode ser perfeitamente dividido em duas metades; de modo geral, os oito primeiros capítulos apresentam uma narrativa dinâmica do ministério de Jesus, concentrando-se particularmente nos seus milagres, em seus triunfos, e na sua capacidade de surpreender as multidões.

Então, abruptamente após a confissão de Pedro no caminho para Cesareia de Filipe, em 8:27 e seguintes, a narrativa de Marcos se volta para o tema da cruz. Há menos relatos de milagres aqui - para isso há muito mais ensino para os discípulos, e com frequência a instrução é sobre a necessidade de sofrer. A glória da primeira metade do evangelho, por assim dizer, é substituída cada vez mais por um enfoque na cruz.

Martin Kahler, um comentarista famoso na virada do século, apresentou o evangelho de Marcos como uma narrativa apaixonada, com uma introdução estendida, e seu comentário famoso não está muito longe da verdade.

## B. O Filho de Deus

Na primeira metade do evangelho de Marcos, as indicações da Sua divindade aparecem com mais clareza. O versículo introdutório, Marcos 1:1 fala de Jesus; o começo do evangelho de Jesus, que é o Cristo, e que é o Filho de Deus.

Embora o termo “Filho de Deus” não apareça com frequência no evangelho, ele surge novamente no final do evangelho de Marcos, em 15:39, nos lábios do centurião que presencia a forma em que Jesus morre. O termo “Filho”, isoladamente, também aparece em episódios estrategicamente localizados, no batismo de Jesus e em sua transfiguração.

Para Marcos, “Filho de Deus” é um título de majestade que aponta para a divindade de Jesus. A ênfase nas curas e milagres, que acabamos de mencionar caracteriza a primeira metade do evangelho de Marcos, e atribui o sentido de quem possui poderes sobrenaturais. Porém, essa divindade também se equilibra com a humanidade de Jesus.

## C. Messias

O segundo título que Marcos 1:1 nos apresenta, o “Cristo”, é um título significativo em todo o seu evangelho. E Cristo é o termo equivalente ao grego para Messias. E uma das características marcantes, particularmente em Marcos, mais do que em qualquer outro evangelho, é o número de vezes em que alguém reconhece Jesus como o Cristo, e Ele pede, de algum modo que deveriam manter essa revelação em silêncio. Este tema tornou-se conhecido como o “segredo messiânico”. Podemos vê-lo, talvez em sua forma mais dramática, na confissão de Pedro na estrada de Cesareia de Filipe. No texto paralelo de Mateus 16, Jesus elogia Pedro em vários versículos seguintes e lhe dá as chaves do reino; em Marcos, tudo o que Ele faz é silenciá-lo.

Marcos 9:9 nos dá uma pista sobre a razão para esse segredo messiânico; somente depois da ressurreição de Jesus é que as pessoas seriam capazes de entender totalmente quem era Ele. Antes de Sua ressurreição, seria muito fácil que seu ministério

fosse mal interpretado e o confundissem como um militar notório ou líder ou um libertador político.

#### D. O Servo Sofredor

O tema do “Servo Sofredor” é um tema secundário que se encaixa no enfoque na humanidade de Jesus do evangelho de Marcos. Novamente, não se trata da mera frequência do título, mas de sua localização estratégica. O texto de Marcos 10:45 resume, através das próprias palavras de Jesus, a compreensão da sua morte que se aproximava. “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”, uma provável alusão a Isaías 53 e ao ministério do Servo Sofredor na profecia de Isaías. O “resgate” se referia ao o ministério de uma expiação em que Jesus paga o preço, por meio de sua morte, que os pecadores mereceriam pagar por si.

#### E. Visão negativa dos discípulos

Além de opiniões particulares sobre Jesus, Marcos também é bem conhecido por talvez apresentar o retrato mais negativo dos discípulos dentre os quatro evangelhos. Em geral, eles também eles também entendem mal as coisas. Aparentemente, a confissão de Pedro teria sido inadequada (observamos que Jesus ordenou abruptamente que ele silenciasse) e isso fica claro nos versículos seguintes, quando Pedro demonstra não estar preparado para a predição de Jesus de que Ele deveria ir para a cruz. Jesus repreende Pedro como alguém que estava refletindo o ponto de vista de Satanás e não de Deus. Em Marcos, os discípulos de Jesus parecem ter mais dificuldade de entender Suas parábolas do que nos demais evangelhos.

E se estivermos certos em nossos comentários da unidade anterior, de que a cópia original deste evangelho terminou com 16:8, então Marcos deliberadamente terminou seu evangelho sem nunca ter narrado uma aparição explícita de Jesus ressurreto. Pelo contrário, o anjo disse às mulheres que foram à tumba que Ele havia ressuscitado, que deveriam ir e contar aos Seus discípulos, e que eles haveriam de encontrá-lo na Galileia. Mas o texto original de Marcos provavelmente concluiu com as palavras: “E, de medo, nada disseram a ninguém”. Claramente, a comunidade de Marcos, em que todos eram cristãos, conhecia mais acerca da história, mas Marcos optou por destacar o aspecto do medo e da incompreensão por parte dos discípulos.

E por quê? Isso nos leva a considerar as circunstâncias peculiares das pessoas para as quais Marcos estava escrevendo seu evangelho. O retrato negativo dos discípulos e da ênfase no caminho para a cruz sugeriu a muitos que Marcos estava escrevendo a um grupo de cristãos que se sentia muito inadequado, talvez em função da crescente perseguição do cristianismo primitivo.

E sugere-se frequentemente que a composição e envio do evangelho de Marcos se situa na década dos anos 60 d.C., pouco mais de trinta anos após a morte de Jesus, quando a perseguição instigada por Nero estava aumentando de intensidade. O texto de Marcos 13, em que Jesus descreve a futura destruição do templo, em linguagem muito enigmática como o abominável da desolação ou o sacrilégio desolador, levou muitos a crer que o material estava sendo escrito antes do cumprimento dessa profecia, em 70 d.C., depois da qual a descrição poderia ter sido muito mais explícita.

#### F. Data e cenário de Marcos

A pouca evidência externa que temos a partir da igreja antiga se encaixa com os pressupostos nos escritos de Irineu e Clemente. Irineu escreveu o seguinte: “Marcos tornou-se intérprete de Pedro e escreveu com exatidão porém, não na ordem cronológica, tudo de que ele se lembrava das coisas que o Senhor fez ou disse. Pois ele não tinha as tinha ouvido diretamente do Senhor, nem mesmo havia sido um de seus seguidores, senão mais tarde, como dissemos, foi seguidor de Pedro. Este costumava ensinar conforme a necessidade exigia, mas sem apresentar uma apresentação sistemática dos oráculos do Senhor, de modo que Marcos não errou em anotar as coisas da maneira como ele se lembrava delas, pois tinha um propósito explícito: não deixar de fora nada do que ouvira e não fazer declarações falsas em seu relato.” A partir dessa afirmação, deduzimos que Marcos era um colaborador associado de Pedro, anotando os eventos do evangelho da maneira como havia ouvido do apóstolo; e, aparentemente, por vezes, estava mais interessado em seguir uma ordem mais tematicamente do que estritamente cronológica.

Em Clemente, lemos: “Quando Pedro pregava a Palavra publicamente em Roma e anunciava o evangelho pelo Espírito, muitos dos presentes pediram a Marcos, que havia muito tempo era seguidor do apóstolo e se recordava do que ele tinha dito, que escrevesse o que estava sendo pregado. Marcos os atendeu e comunicou o evangelho para aqueles que lhe haviam pedido. Quando Pedro soube do assunto, não impediu e também não o

incentivou a realizar o trabalho.” Claramente observamos algumas diferenças interessantes, mas Marcos e Pedro continuaram atuando juntos, mas desta vez identificando os leitores do evangelho de Marcos em Roma, o que se encaixa com a localização da primeira comunidade cristã, vítima de uma grande perseguição por um imperador romano.

Há, no entanto, um fator diferente, importante para a data e a localização em que foi preparado o manuscrito de Marcos e envio de seu evangelho, e essa é a convicção quase unânime entre os estudiosos de que o evangelho de Lucas utilizou informação de Marcos e, portanto, este deve ter sido produzindo antes de Lucas. Em nossa próxima unidade, quando estudarmos a introdução de Lucas, veremos que há razões plausíveis para datar Lucas e seu segundo volume, o livro de Atos, no início da década de 60 e não depois de 62, o ano com em que são registrados os eventos do final do livro.

Se isso for verdade, então Marcos deve ser datado em um pouco antes da perseguição de Nero, que não ocorreu antes 64. Talvez Marcos tenha sido escrito em 60 ou 61 ou até mesmo no início dos anos 50, caso em que não podemos estar tão seguros sobre o contexto de perseguição em Roma. Poderiam ter sido hostilidades mais concretas e esporádicas que os crentes enfrentavam ao longo da narrativa dos Atos dos Apóstolos. Em qualquer caso, parece provável que Marcos esteja escrevendo de forma muito transparente, verdadeira, e, ao mesmo tempo, consciente das falhas, bem como dos sucessos dos primeiros apóstolos, não apenas do próprio Pedro, a fim de incentivar as pessoas que talvez sentiam não estarem vivendo muito bem a sua fé; se Deus foi capaz de usar esses primeiros seguidores de Cristo com suas falhas, poderia usá-las também.

### G. Autoria de Marcos

Se levarmos a sério essas primeiras tradições da igreja, também chegaremos à conclusão de que o autor, Marcos, era ninguém menos que o João Marcos que aparece no livro de Atos como um companheiro ocasional do apóstolo Paulo e de Barnabé, e que estava em Roma no início dos anos 60, ao menos, se é aí que datamos a epístola de 1 Pedro, que tem uma referência a Marcos no final do livro. No entanto, a rigor, o evangelho é anônimo, e os títulos “o evangelho segundo fulano de tal” provavelmente não foram adicionados até o final do primeiro século e o início do segundo. Há muitos estudiosos modernos que são um pouco

mais céticos acerca das atribuições de autoria dos antigos, mas não vemos razão para descartar a forte possibilidade de que esse Marcos seja realmente o autor do evangelho, e não menos importante, por ser ele um personagem bastante obscuro para ter sido escolhido, se de fato ele não fosse o autor.

### III. Evangelho de Mateus

#### A. Jesus como o Mestre

Se nos voltarmos do evangelho de Marcos para o evangelho de Mateus, veremos mais uma vez um retrato diferente da vida e ministério de Jesus. Começamos novamente com sua teologia para, em seguida, passarmos para as visões distintas de Jesus.

Uma das coisas que nos surpreendem em Mateus, ao contrário de Marcos, é que os ensinamentos de Jesus são mais amplos. Em Mateus, Jesus prega cinco longos sermões que abrangem quase um capítulo, ou, por vezes, se estendem por mais de um capítulo:

o famoso Sermão do Monte, nos capítulos 5–7; Seu discurso missionário aos discípulos no capítulo 10; um capítulo de parábolas no capítulo 13; um sermão sobre humildade e perdão no capítulo 18; e, após os extensos lamentos dirigidos aos escribas e fariseus no capítulo 23, outros capítulos mais completos e conhecidos, como o Seu discurso escatológico, Seus ensinamentos sobre o fim dos tempos no Monte das Oliveiras. Curiosamente, as Escrituras Hebraicas também começam com cinco grandes blocos de ensinamentos, os livros de Moisés.

Será que Mateus tentou retratar Jesus como mestre igual ou maior do que Moisés? O fato de que Ele subiu duas vezes à montanha para ensinar é também uma reminiscência de Moisés recebendo a Lei no Monte Sinai. Mas para Mateus, Jesus não é apenas um mestre, ou talvez até mesmo um legislador. Ele é o “Filho de Davi,” um título real judaico, muito característico no evangelho de Mateus

#### B. Jesus como Rei

Mateus destaca elementos da dignidade e realeza de Jesus, especialmente em seus capítulos iniciais, de uma forma que os outros evangelhos não fazem. O termo “Filho de Deus” que encontramos em Marcos realmente ocorre com mais frequência em Mateus, e o elemento de assombro associado com o ministério

de Jesus e, particularmente, seus milagres, parecem também se destacar. Então, por fim, podemos falar do título de “Senhor”. Embora não seja particularmente distintivo em Mateus, sendo encontrado em todos os quatro evangelhos com frequência, é o título mais característico de Mateus, o Jesus de Nazaré é apresentado como aquele que é digno de adoração.

Além da visão distintiva sobre Jesus, há um foco extremamente detalhado e específico sobre o povo judeu no evangelho de Mateus.

### C. Jesus como judeu

Aqui, à primeira vista encontramos certa tensão; informações aparentemente contraditórias. Por um lado, há declarações e eventos no evangelho de Mateus que retratam Jesus como mais exclusivamente judeu do que em qualquer dos outros evangelhos. Só Mateus registra o nascimento de Jesus em dois capítulos e relata que Ele cumpre reiteradamente as palavras dos profetas sobre como seria o Messias. Somente em Mateus encontramos o Sermão do Monte (Mateus 5:17-20), sobre a relação de Jesus com a Lei, quando diz: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir...”

Há passagens aparentemente escandalosas: em Mateus 10:5-6, quando Jesus diz aos seus discípulos para não irem para nenhuma cidade de samaritanos ou gentios, mas somente às ovelhas perdidas da casa de Israel; e o próprio Jesus, ao falar com a mulher cananeia em 15:24, diz que Ele não foi enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.

### D. O Jesus universal

Além disso, só evangelho de Mateus usa a expressão “reino dos céus” em vez da expressão mais comum e bem conhecida “reino de Deus”, provavelmente porque os judeus eram reticentes em pronunciar o nome santo de Deus e tinham substituído essa expressão por um eufemismo. No entanto, apesar dessas e muitas outras características judaicas do evangelho de Mateus, há também características muito universais, aspectos que se destacam com mais relevo em Mateus do que em outros lugares, a respeito de Jesus como “o enviado a todas as nações”. É somente Mateus que, na parábola dos lavradores maus (Mateus 21:43), Jesus fala do reino que está sendo tirado do povo de Israel e dado a uma nação que produzirá os frutos para esse reino. É somente Mateus que apresenta a famosa história do julgamento das ovelhas

e dos bodes, o julgamento de todas as nações, no capítulo 25, e que termina o seu evangelho com a Grande Comissão: ir a todo o mundo, fazer discípulos de todas as nações (Mateus 28:18-20).

Provavelmente, a melhor solução desta tensão entre as duas fases do evangelho de Mateus seja reconhecer o que Paulo posteriormente resumiria na epístola aos Romanos: que Ele foi enviado primeiramente ao povo de Israel, que o evangelho é uma boa nova primeiro para o judeu, mas depois também ao grego. Durante sua vida, Jesus, embora vislumbrasse e, ocasionalmente, antecipasse um pouco sua missão aos gentios, em sua maior parte Ele reservou Seu ministério para o povo de Israel, sabendo que, como povo escolhido de Deus, ele deveria receber a primeira oportunidade para responder a essa nova etapa na sua revelação. Mas Ele também sabia que a sua religião, a compreensão da forma como o Seu ministério cumpria os pressupostos do judaísmo, não mais deixaria espaço para um povo especialmente escolhido, e sim levaria a mensagem, através de seus apóstolos a todas as partes do mundo.

#### E. Outras características distintivas

Entre outras particularidades da teologia de Mateus podemos incluir o enfoque no discipulado. Mateus é o único evangelho que usa a palavra “igreja”, quando antecipa alguns dos mandatos organizacionais de Jesus para a comunidade nascente de Seus seguidores. Jesus tem maiores níveis de conflito com as autoridades judaicas no evangelho de Mateus do que em Marcos, e diriam alguns, que em qualquer dos outros evangelhos, embora João também retratasse Jesus dirigindo algumas palavras muito duras para as autoridades. De fato, Mateus e João têm sido, às vezes, acusados de serem antisemitas, em uma época em que, compreensiva e apropriadamente, as pessoas são mais sensíveis a questões como essa.

Essas reclamações devem ser levadas a sério, mas provavelmente não há nada mais forte, mesmo nas acusações aos escribas e fariseus de Mateus 23, do que pode ser encontrado em grande parte da literatura profética judaica do Antigo Testamento. Jesus era um judeu completamente vinculado aos rituais e crenças do judaísmo, mas também cria que Deus o havia chamado profeticamente para criticar as várias formas pelas quais sobretudo a liderança de Sua geração do judaísmo tinha se desviado da vontade de Deus.

#### F. Data, cenário, e autoria de Mateus



A questão surge, então, mais uma vez: Em que cenário se encaixa esta coleção particular de temas e pontos de vista sobre Jesus? E a resposta óbvia é que Mateus está escrevendo para uma comunidade cristã estritamente judaica. Além desse, há bem pouco acordo. Tem sido alvo de debate se eles ocorreram antes ou depois da destruição do templo no ano 70 d.C., ou se aconteceram na cidade síria de Antioquia, um lugar aonde o cristianismo judeu, como se sabe, mantinha numerosas comunidades de judeus cristãos, mesmo no segundo século.

Outra questão debatida foi se isso ocorreu antes ou depois do que foi conhecido como o banimento e cristãos da sinagoga, em meados da década de 80; na época uma oração foi introduzida na liturgia judaica mediante a qual se invocava uma maldição de Deus para todos os hereges, incluindo entre eles, aparentemente, o nazarenos, provavelmente um nome dado para a seita dos seguidores de Jesus de Nazaré. Talvez o que possamos concluir a respeito é que o sentimento de agressão e de paixão, que emerge no evangelho de Mateus seja devido a essa tensão com a comunidade judaica não-cristã.

Seja qual for o período ou o lugar em que Mateus foi escrito, seu evangelho foi dirigido a uma comunidade cristã que ainda estava envolvida em graves tensões com os judeus não-cristãos em sua comunidade. De fato, um estudioso cunhou a frase “a sinagoga do outro lado da rua” com base em dados arqueológicos de várias cidades do Oriente Médio em que sinagoga e igreja estavam literalmente localizadas muito próximas umas das outras no centro de uma comunidade em particular.

Se, de fato, Mateus estava escrevendo principalmente para os cristãos judeus, que eram recém-convertidos, e que haviam se deligado recentemente da sinagoga e de toda a sua família e amigos com todas as respectivas implicações, pode-se entender, por um lado, a paixão de Mateus para querer ganhar a maior quantidade possível de judeus para Cristo, com o objetivo de incentivar e construir na fé daqueles que já criam em Jesus, e por outro, os últimos resquícios de emoções fortes, se não, por vezes, de alguma hostilidade.

Se voltamos novamente para o testemunho da igreja primitiva, encontramos a convicção unânime de que o autor deste evangelho não era outro senão o publicano convertido, um dos doze apóstolos, o homem a quem os evangelhos alternadamente chamam de Mateus ou Levi. Curiosamente, no entanto, Mateus foi

escrito em muito bom estilo grego, melhor até do que observado no evangelho de Marcos; e para a maioria dos estudiosos seu estilo de redação não parece ser de alguém que falasse o grego como sua segunda língua.

Se nos voltamos para o mais antigo testemunho conhecido sobre as origens do evangelho de Mateus, chegamos a Papias, escritor cristão do início do segundo século, citado mais tarde pelo historiador eclesiástico Eusébio. Papias escreveu: “Mateus compôs seu evangelho na língua hebraica, e todos o traduziram na medida em que eram capazes”.

Infelizmente, mesmo a tradução das palavras de Papias é contestada. Leiamos novamente a frase em uma tradução um pouco diferente: “Mateus compilou suas palavras na língua aramaica, ou dialeto, ou estilo, e cada um interpretou conforme sua capacidade”. Nós sequer ainda estamos inteiramente seguros sobre o que o testemunho mais antigo afirma sobre Mateus, mas há contínuos testemunhos antigos de que ele escreveu algo, sejam os ditos de Jesus ou um evangelho completo, em hebraico ou aramaico.

Isso deixa aberta a possibilidade de que o nosso Mateus, aquele que escreveu em grego, seja uma tradução de alguém que não fosse o cobrador de impostos ou, talvez a versão dos apóstolos, uma tradução e/ou uma expansão, ou por assim dizer, uma segunda edição, daquilo que Mateus originalmente escreveu em hebraico ou aramaico. Nem mesmo é impossível que o que os estudiosos chamam de “Q” (a que aludimos na nossa última unidade) poderia ter sido esse documento em hebraico de que Papias fala, que Mateus posteriormente complementou e ampliou, em parte dependendo de Marcos, dando origem à forma do evangelho que conhecemos agora. De qualquer forma, Mateus está claramente inserido em um meio judeu.

Ao procurar compreender sua estrutura, devemos prestar muita atenção aos ensinamentos de Jesus que dominam sua narrativa. Observemos como ele intercala blocos de ensino e narrativa, muitas vezes sobre tópicos semelhantes, de modo que tenha um toque apologético para convencer os de fora; um toque catequético para instruir de dentro e um toque pastoral para incentivar todos aquele que interpretam Jesus como sendo digno de toda a sua adoração.

*Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar*